

## A Turistificação de Favelas no Cenário dos Megaeventos

Apoena Mano<sup>1</sup>

**Resumo:** Considerando seu potencial para modificação do imaginário urbano, durante o período de preparação para a Copa do Mundo e Olimpíadas, processos de turistificação são percebidos sobre determinadas favelas do Rio de Janeiro, constituindo a produção destes lugares como marca e mercadoria, além da expansão de fronteiras urbanas e de mercado. A favela Santa Marta, entendida como um local de reconfiguração estratégica de políticas do Estado, é afetada por forças de governamentalidade e mercantilização de espaços e formas de vidas, articulados à reprodução da lógica militarizada de gestão de territórios urbanos”, evidenciando o deslocamento onde cada vez mais o governo das cidades e o governo da segurança se entrelaçam e se confundem. Nas discussões deste trabalho, pretende-se analisar criticamente os diversos desdobramentos sócio-urbanos na “favela modelo” a partir do turismo relacionado à militarização e ao empreendedorismo.

**Palavras-chave:** Turismo; Megaeventos; Violência; Empreendedorismo; Urbanismo Militarizado

### The turistification of Favelas in the Mega-Events Scenario

**Abstract:** Considering its potential for modifying the urban imaginary, during the period of preparation for the World Cup and Olympics, touristification processes are perceived in certain favelas of Rio de Janeiro, constituting the production of these places as a brand and merchandise, in addition to the expansion of urban and marketing borders. Santa Marta favela, understood as a site of strategic reconfiguration of state policies is affected by forces of governmentality and mercantilization of spaces and forms of life, articulated to the reproduction of the militarized logic of management of urban territories ", showing the displacement where, increasingly, city government and the security government are intertwined and confused. On the discussions of this work it's intended to critically analyze the various socio-urban developments in the "model favela" from tourism perspective, related to militarization and entrepreneurship.

**Keywords:** Tourism; Mega-events; Violence; Entrepreneurship; Militarized Urbanism

### Introdução

Durante a última década, a circulação de Megaeventos para o Sul Global tornou-se um importante dispositivo de estímulo a fluxos globais para o Brasil, gerando reflexos locais que demandam atenção específica. A cidade do Rio de Janeiro foi atingida por diversas intervenções urbanas sob a justificativa de preparação da cidade para o grande fluxo de

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bacharel em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especializado em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). **Email:** apoenasd@gmail.com

peças esperadas no país. Este período, marcado pelos chamados programas de “renovação urbana”<sup>2</sup>, envolve intervenções que trazem como efeitos a reconfiguração de espaços da cidade e de suas populações baseada no deslocamento das fronteiras urbanas – e fronteiras de mercado (TELLES, 2015). Pela significativa execução de políticas públicas e ações sociais em seus territórios, as favelas cariocas podem ser consideradas um cenário privilegiado para refletir sobre estes reordenamentos sociais e modalidades de gestão urbana. (ROCHA & PALERMO 2015). Devido à intensidade de projetos implantados em seu território, a favela Santa Marta, no bairro de Botafogo, foi reconhecida em diversas vias discursivas deste período como a “Favela Modelo”.

O projeto de segurança pública das Unidades de Polícia Pacificadora - UPPs, paradigmático deste período, evidencia o deslocamento onde cada vez mais o governo das cidades e o governo da segurança se entrelaçam e se confundem (TELLES, 2015). A instalação deste novo modelo de policiamento foi realizada seguindo uma seleção estratégica de unidades em locais turísticos e envolvida por discursos positivos da mídia, influenciando o senso comum e a visibilidade internacional (CAVALCANTI, 2013; MENEZES, 2014; MORAES, 2016). As favelas que contavam com a presença de uma UPP deixavam de ser representadas como espaços da marginalidade e da violência (LEITE, 2015) e tornavam-se locais caracterizados não somente pela presença do policiamento que daria fim à “guerra urbana”, mas também destacados pela valorização imobiliária, possibilidade de maiores lucros no comércio do entorno e incremento da atividade turística (ROCHA & PALERMO 2015).

Na favela Santa Marta/RJ, foi lançado um projeto de turistificação<sup>3</sup> a partir de uma parceria entre a Prefeitura, o Governo Estadual e Governo Federal. Chamado de “Rio Top Tour: o Rio de Janeiro sob um novo ponto de vista”, o objetivo desse projeto de Turismo de Base Comunitária<sup>4</sup>, que transformou a favela em um destino turístico oficial da cidade, era “criar uma alternativa que gerasse renda com o turismo”, como afirmou Mônica Rodrigues,

---

<sup>2</sup> Destaco a sucessiva repetição de termos como “recuperação”, “renovação e “revitalização” durante esta década. Vale atenção à reflexão proposta por Gutterres (2016), mencionando que os termos chamam a atenção tanto sobre a fabricação de normas e lineamentos que definem como o espaço será narrado e quem vive ou viverá nele, quanto também por evidenciar o questionamento sobre qual vida está sendo ressaltada.

<sup>3</sup> Aqui tomado como categoria analítica da produção urbana, o processo de turistificação pode ser compreendido a partir de três fatores: o turista, cuja presença define os lugares como turísticos ou não; o mercado, pois a percepção de lugares como destinos turísticos estaria atrelado à sua concepção como produto turístico e; os planejadores e promotores territoriais, pois a intervenção destes resulta na racionalidade imposta pelo mercado (KNAFOU, 1996).

<sup>4</sup> Apesar de não haver uma concordância conceitual em relação ao tema, pode-se dizer que o Turismo de Base Comunitária se diferencia a partir de práticas turísticas que se opõem ao chamado “turismo de massa” e emergem como iniciativas com potencial de transformação social e desenvolvimento sustentável local (MANO, MAYER & FRATUCCI, 2017).

idealizadora do projeto (MENEZES, 2015). Assim, moradores tornaram-se, por exemplo, guias de turismo, artesãos e empreendedores que investiram na abertura de agências de turismo, albergues, barraquinhas de artesanato e lojas de souvenirs na favela (MENEZES, 2015). A presença constante de turistas no Santa Marta passou a ser uma importante fonte de renda para aqueles que trabalham com turismo e com comércio na favela, mas tornou-se também uma fonte de preocupação para outros moradores. Destaco entre os diversos reflexos da “pacificação”, a expansão da fronteira econômica às favelas, a crescente mercantilização de espaços, lugares, vidas e formas de vidas, articulada a formas de controle e a lógica militarizada de gestão de espaços e territórios urbanos da chamada “cidade neoliberal” (TELLES, 2015; MORAES, 2016).

A turistificação e o turismo – fenômeno social e atividade econômica -, sendo fluxos através dos quais trocas econômicas, sociais e culturais acontecem reciprocamente, podem ser importantes chaves analíticas para uma compreensão sobre a forma que estas dinâmicas se modificam em contexto urbano - compreendo o turismo como um importante parâmetro para pensar sobre formas de articulação entre as escalas local, nacional e global ou transnacional e as tensões que se inscrevem simultaneamente. Neste trabalho, o turismo será instrumentalizado para refletir sobre os megaeventos e a “pacificação”, considerando o incentivo ao empreendedorismo e aos efeitos da militarização na favela Santa Marta.

### **Megaeventos e Produção Urbana**

A compreensão do turismo em um contexto sociológico, segundo Krippendorf (1989), não deve ser estabelecida como constituinte de “um mundo à parte que obedece a leis próprias”, mas como consequência e, simultaneamente, um componente do sistema social industrial, da organização dos seres humanos e da civilização moderna. Desta forma, sugere o autor, torna-se produtivo analisar a produção do turismo a partir da compreensão sobre como se ligam os elementos, quais são as causas e os efeitos, os desejos e realidades que produzem este fenômeno. Assim, partindo por uma análise do contexto geopolítico, entendo a circulação do modelo dos Megaeventos como um poder que se exerce em rede, nos termos de Foucault:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de

transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2003: 183)

Sobre esta perspectiva, torna-se pertinente a compreensão das circunstâncias de produção do turismo em favelas na última década. Os principais efeitos analisados aqui são as estratégias de mercantilização e da militarização do cotidiano, sustentadas por formações discursivas permeadas por efeitos de verdade e poder dos Megaeventos, como dispositivo de influência social e política. Sobre governamentalidade, Foucault (2008) entende o conjunto composto por análises, cálculos, táticas, instituições e procedimentos que permitem que seja exercida esta maneira específica de poder cujo objetivo principal é a “gestão de uma população”. Neste sentido, interessariam as variadas técnicas de governo, entendidas como aquelas que permitirão “conduzir as condutas, as liberdades de escolhas e movimentos de determinados indivíduos em um dado contexto”. Em um trabalho comparando a turistificação entre Brasil e África do Sul, Freire-Medeiros (2015) observa efeitos de governamentalidade sobre relações de poder inscritas no campo do turismo. Desta forma, compreender o processo de formação do turismo é entender de que forma os poderes circulam e as condutas são conduzidas para produzir este fenômeno.

Em um estudo sobre a “Geopolítica do Turismo”, Hoerner (2008) menciona que países do Sul Global tendem a considerar a atividade turística como uma “base forte para seu desenvolvimento”. Neste contexto, emerge o “*Slum Tourism*”<sup>5</sup> como uma nova tendência no turismo internacional. Frenzel e Koens (2012) entendem que a característica principal do *Slum Tourism* é a valorização turística das áreas urbanas em metrópoles do Sul demarcadas pela pobreza – visitadas geralmente por turistas do Norte Global. Estudos sobre *Slum Tourism* em diferentes países sugerem a compreensão de que esta “*slum*” foi discursivamente construída, neste processo de turistificação, como “o outro lado da cidade” e “o lugar do “outro” na cidade” (FRENZEL & KOENS, 2012). Nesta representação, a motivação de visitação turística ocorre pelo interesse dos turistas em conhecer aspectos societários destas outras formas de vida na cidade: o “outro lado da cidade” significaria a forma mais legítima do “outro lado do mundo” (FRENZEL & KOENS, 2012). Desta forma, o interesse turístico sob estes aspectos simbólicos e representativos pode reverberar em alterações sobre as formas de vida dos países e locais visitados. Em um contexto de “submissão à economia” (KRIPPENDORF, 1989), as trocas subjetivas entre visitantes e visitados são permeadas pelos interesses financeiros a fim de atenderem às expectativas da visitação.

---

<sup>5</sup> “*Slum Tourism*” é o termo genérico para compreensão do fenômeno em escala transnacional. O equivalente, em versão local no Brasil seria “Turismo em Favelas”.

Durante o período de planejamento e preparação do Rio de Janeiro para os Megaeventos, a cidade passou por um momento que incluiu contextos de militarização e mercantilização de espaços, não-lugares e territórios (TELLES, 2015), relacionado à turistificação de espaços da cidade, sob a justificativa de atração de investimentos internacionais e oportunidades para a ascensão social de camadas desfavorecidas da população da cidade. Após o acontecimento destes Megaeventos esportivos, é desencadeada uma crise econômica e política em âmbito Federal e Estadual. Um dos seus principais efeitos, confirmando suspeitas apontadas anteriormente (MENEZES, 2014), é o enfraquecimento de diversos investimentos de origem pública ou privada – geralmente em parceria - que estavam sendo direcionados às favelas nos últimos anos.

A atração de investimentos internacionais e o desenvolvimento das cidades e de suas populações através da recepção de megaeventos tornaram-se importantes componentes de agendas estratégicas de países do Sul, como África do Sul, Índia e Brasil (MAHARAJ, 2015). Contudo, talvez por consequência da não-participação popular no planejamento estratégico nestes países, indo além das expectativas de progresso econômico e social, são percebidos efeitos de remoções, perda de meios de sobrevivência e violações dos direitos humanos de populações pobres (MULLER & GAFFNEY, 2018). Buscando status e poder para o desenvolvimento econômico e protagonismo internacional, tendo como padrão de referência buscar aprovação e igualar-se aos países do Norte Global, países como o Brasil, ironicamente, cedem soberania para entidades européias, como a FIFA e o COI - inclusive cedendo em legislações específicas de forma a atender interesses destas instituições<sup>6</sup>.

### **Segurança Pública e Imaginário Urbano**

Esteréotipo turístico é um conceito que possibilita a compreensão do processo cognitivo que envolve a “assimilação de informações, verdadeiras ou não, difundidas pelos setores envolvidos com as atividades turísticas e pelos meios de comunicação” (TOMÉ, 2012). Desta forma, a mídia, o imaginário urbano e o senso comum se entrelaçam e repercutem efeitos de verdade sobre a produção urbana. No caso do Rio de Janeiro, é vantajoso para esta discussão compreender de que forma se produz o imaginário sobre violência urbana, que produz efeitos sobre o turismo e, principalmente, sobre a vida social em diversas dimensões.

---

<sup>6</sup> Em um estudo comparativo sobre os efeitos socioeconômicos de Megaeventos no Sul global, analisando casos do Brasil, África do Sul e Índia, o indiano Maharaj (2015) afirma que a principal razão para a violação dos direitos humanos percebidas nas cidades-sede dos três países foi a soberania nacional ter sido cedida a agências internacionais como a FIFA.

Desde a inauguração da primeira UPP, em dezembro de 2008, diversos pesquisadores vêm realizando análises sobre a violência e os efeitos da penetração do Estado nos territórios a partir deste momento (PANDOLFFI & GRZYNSZPAN, 2005; MACHADO DA SILVA, 2010; TOMMASI & VELAZCO, 2013; LEITE, 2012, 2015). Desde meados da década de 80, a expansão de atividades relacionadas ao tráfico de drogas provocou o aumento dos crimes e da violência em diversas grandes cidades do Brasil. No caso do Rio de Janeiro, uma sequência de episódios violentos - arrastões, assaltos, sequestros, “balas perdidas”, entre outros – traz à cidade uma forte sensação de insegurança (LEITE, 2012). Posteriormente, após a escolha do Rio de Janeiro como cidade-sede da Copa do Mundo e Olimpíadas, fez-se necessário aos agentes sociais e instituições interessadas em atrair investimentos no contexto de “preparação” da cidade, buscar uma solução aparente para a questão da violência (MENEZES, 2015). Considerando a associação entre violência e favelas, repete-se na linha do tempo da cidade, uma situação onde, devido a fatores de relevância externa, torna-se necessário buscar uma solução para o “problema da favela” (VALLADARES, 2005). Esta referida “resolução da questão da segurança”, entretanto, não estava relacionada efetivamente com a diminuição do tráfico de drogas ou mesmo a redução da violência na cidade, mas principalmente com o recorrente discurso de estado de guerra: a “metáfora de guerra”<sup>7</sup> (LEITE, 2015) estabelecida no cotidiano da cidade. O que estava em questão era a “sensação de segurança” aparente às pessoas e instituições que visitariam o Rio de Janeiro, supostamente trazendo investimentos, progresso econômico e desenvolvimento social.

A partir da inauguração da primeira UPP, em 2008, o contexto da segurança é baseado na retomada do controle armado das favelas e, assim, a “civilização” de seus moradores como condição para a integração desses territórios à cidade (LEITE, 2012). Seu objetivo é recuperar, por meio das bases de policiamento militares situadas nas favelas, o controle desses territórios para o Estado, impedindo o domínio armado dos mesmos por bandos de traficantes de drogas (LEITE, 2012). Ainda, a partir da “pacificação” das favelas, o projeto das UPPs se caracteriza também pela busca pela “integração” desses espaços, considerados à margem da cidade, ao tecido urbano, em uma perspectiva de “recuperação do território” (CARVALHO, 2013). Alguns meses após a inauguração, o projeto começou a ser expandido e se iniciou a construção de um consenso de este seria o melhor projeto de segurança instituído nas últimas

---

<sup>7</sup> A estratégia de segurança pública pode ser entendida em comparação a uma “guerra”, neste caso promovido pelo Estado aos traficantes de drogas destes territórios - nesta conjuntura, ocasionando reflexos como a contraposição de “lados”, onde a polícia representaria o estado e os traficantes representariam as favelas e suas populações. Assim, ocasionando reflexos à visão geral relacionada aos moradores de favelas, aqui vistos como “quase bandidos”, refletindo a criminalização das populações residentes nos chamados “territórios da pobreza”.

décadas. Ainda que alguns moradores e lideranças comunitárias tentassem evidenciar que o projeto também trazia impactos negativos para a vida da população favelada<sup>8</sup>, de forma diferente do que a chamada grande mídia parecia mostrar naquele momento (MENEZES, 2015).

A realização do programa das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) torna-se um dispositivo relacionado à necessidade de mudança da narrativa sobre a violência urbana no Rio de Janeiro, para a reconstrução do imaginário urbano necessária para a atratividade de visitantes. De fato, o espetáculo midiático de policiais e tanques de guerra “libertando” a cidade produziu imagens que circularam por todo o mundo. Imediatamente, forças privadas e do Estado penetraram no território de favelas - em diferentes configurações. Neste momento, a turistificação e a presença de turistas em favelas com UPPs potencializou a narrativa de uma cidade segura. A circulação de experiências, imagens e produtos relacionando favelas, empreendedorismo e turismo, acompanhando uma tendência global de *slum tourism* e de uma imagem generalizada da pobreza do Sul Global, reforça a conveniente imagem do “Rio de Janeiro pacificado” (FREIRE-MEDEIROS, 2009). Contudo, a decadência imediata do programa, decorrente da crise econômica após as Olimpíadas, traz indagações relacionadas aos reais objetivos deste programa (MENEZES, 2013).

Sob influência das instituições e investimentos dos Megaeventos, a segurança pública do Brasil foi reconfigurada em termos de tecnologia e ideologia militarizada – acompanhando uma tendência global de um “novo urbanismo militar”. (GRAHAM, 2016). Passados os Megaeventos, é bastante conveniente a declaração de uma Intervenção Federal-Militar e a retomada de um discurso que sustente práticas onde o aparato militarizado seja normalizado no cotidiano da cidade como ordenador da vida social. A cada tiroteio ou reportagem sobre violência reproduzida pela mídia e repercutida por outros meios, como o caso de Maria Esperanza, 67 anos, fatalmente atingida durante um tiroteio enquanto participava de um roteiro turístico na favela da Rocinha, em 2017<sup>9</sup>, o interesse turístico sobre o Rio de Janeiro e as favelas torna-se menor. O “estereótipo turístico” do Rio de Janeiro sofre efeitos profundos, intensificando seu caráter negativo.

---

<sup>8</sup> Previamente ao acontecimento dos Jogos Olímpicos em 2016, já ocorriam questionamentos em relação à eficiência do projeto das UPPs. Em 2013, o desaparecimento do pedreiro Amarildo na favela da Rocinha tornou-se um acontecimento de grande repercussão nacional e internacional, deflagrando espaço para um amplo questionamento das UPPs, quebrando o consenso que parecia existir em torno do sucesso do projeto. Consenso este que, por um longo período, deixou as UPPs blindadas às críticas (CARVALHO, 2013).

<sup>9</sup> Informações detalhadas sobre o caso e a repercussão na mídia nacional e internacional em: <<https://oglobo.globo.com/rio/turista-espanhola-morta-na-rocinha-estava-de-ferias-com-irmao-a-cunhada-no-rio-21981141>>.

## **Subjetividade Empreendedora e Organização Social**

A organização social da localidade pode ser vista como um sistema altamente flexível de adaptação humana, permitindo uma ampla gama de respostas para eventuais acontecimentos e contextos sociais (LEEDS & LEEDS, 1978). Aplicando este argumento ao estudo da favela Santa Marta, percebe-se que um dos principais efeitos do aumento da intervenção do Estado nas favelas é o reposicionamento de atores sociais dentro dos “jogos de poderes” locais (PANDOLFI & GRZYNSZPAN, 2005).

De acordo com as principais lideranças do projeto das UPPs, um dos efeitos predominantes da pacificação do território das favelas seria a garantia da entrada de outras políticas públicas nas favelas. Mobilizando o discurso de “integração de favela e asfalto”, as UPPs trazem consigo a produção de um novo regime discursivo sobre estas favelas, que “celebra as capacidades criativas e empreendedoras das populações locais”, além da riqueza de suas soluções para “sobreviver na adversidade”. Assim, diversos programas e projetos, dos setores público, privado e ONGs, eventualmente combinados, eram introduzidos para estimular e suportar a atitude empreendedora entre a população local. As favelas passaram a ser celebradas como “territórios das oportunidades” (TOMMASI, 2018).

Em relação à produção da favela como marca e mercadoria, além de sua construção como destino turístico, pode-se apontar um momento emblemático no início dos anos 90. Na Cúpula dos Povos (ECO-92), operadores de viagem profissionais perceberam a curiosidade de participantes do evento e organizaram visitas destes grupos internacionais à favela da Rocinha, apesar de esforços do poder público para isolar o local (FREIRE-MEDEIROS, 2009, 2013). A partir da linha de financiamento “Turismo de Base Comunitária”, lançada em 2006 pelo Ministério do Turismo, três ações foram contempladas em favelas do Rio de Janeiro: o projeto Morrinho, na favela Pereirão (2008), a Tecendo Redes de Turismo Solidário, no Cantagalo (2009), e em 2010, com apoio do governo estadual, o projeto piloto Rio Top Tour, no Santa Marta. Aqui, compreendendo a relação complementar entre “favela pacificada” e “turismo em favela”, proponho a reflexão sobre o contexto de empreendedorismo e os objetivos desta “condução de conduta”, em termos de governamentalidade, como forma de modificar o comportamento dos moradores e a imagem das favelas. Outro fator determinante é compreender as condições de “participação comunitária” em um contexto de megaeventos criticados justamente pela exclusão de partes da população dos processos decisórios e de benefícios desta conjuntura.

Neste contexto onde os Megaeventos e as UPPs traziam perspectivas promissoras para os negócios e geração de riqueza, entre diversos projetos de “requalificação” de

moradores de favela, o Rio *Top Tour* foi elaborado como “uma alternativa que gerasse renda com o turismo”. A ação inicial teve a parceria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE oferecendo oficinas de qualificação de artesanato e monitor de turismo, e da Investe Rio (atual AgeRio) oferecendo financiamento para os moradores com taxas mais baixas que a do mercado. Durante a formação do curso, os moradores eram levados a refletir sobre o que é “interessante” nas favelas. Relatos sobre a segurança e os problemas sociais eram preteridos em relação à imagem produzida de uma nova favela e uma nova cidade – mais segura, mais empreendedora e desenvolvida. Esta mudança de narrativa se materializou em alguns locais, como no caso da Laje do Ambulatório Dedé - importante liderança local -, que se tornou reconhecida como Laje Michael Jackson, por ter sido o local de gravação do clipe do artista. Além disto, textos explicativos bilíngues sobre o turismo foram distribuídos, assim como de placas turísticas espalhadas por diversos pontos da favela. A partir do projeto, o turismo tornou-se um fato cotidiano na vida das pessoas, seja de forma direta ou indireta.

A maior presença de “pessoas de fora” na favela, seja por interesses de lazer, mídia, pesquisas ou turismo, ocasiona o avanço de uma fronteira social bastante importante. Esta pode ser caracterizada como um “efeito não esperado” da implantação das UPPs e das conseqüentes ações de urbanização nas favelas por elas ocupadas. Ao mesmo tempo em que a “paz” é garantida pela UPP, elas também garantem o avanço da ocupação de outros grupos sociais. As opiniões dos moradores são divididas de acordo com o impacto desta penetração exterior em seus cotidianos. Comerciantes da parte baixa da favela beneficiam-se com o grande movimento de pessoas. Entretanto, outros comerciantes e moradores temem não conseguir manter seus estabelecimentos abertos, uma vez que há uma forte concorrência de empresários “de fora” que desejam atuar na favela. Os moradores lidam diariamente com receio de não poder permanecer habitando nessa “favela modelo”, “segura” e “cheia de oportunidades” que foi criada pela UPP e por todas as intervenções que a seguiram. Pode-se assumir que, neste momento, o apoio está bastante relacionado a moradores que assumiram uma “subjetividade empreendedora” incentivada por influência de políticas públicas e influência externa.

O contexto de “pacificação” operado via militarização da cidade também se dá nesta normatização de ações culturais “positivas”. O condicionamento ao turismo, tido como uma oportunidade de formar novos negócios e alcançar desenvolvimento socioeconômico condicionado ao interesse de visitação de estrangeiros é um exemplo ao que Tommasi (2018) refere-se como a “brecha da cultural”, por onde o combate à pobreza, a gestão participativa e

a valorização da “diversidade” permitiriam a formação de um novo Brasil, em termos de produção e imaginário. Assim, a partir deste momento, a marginalização sociopolítica sobre o território das favelas era deixada de lado: as oportunidades estavam postas e cabia aos moradores atender a estas chances. Cabia aos moradores compreenderem e adaptarem-se à nova realidade do “interesse subindo o morro”.

A instalação das UPPs e o policiamento ostensivo em favelas ocasionaram o desenvolvimento do chamado capital financeiro nas favelas. Seja por parte de programas do poder público, iniciativa privada ou até mesmo ONGs, diversos projetos foram mobilizados em favelas em tentativas de “incluir socialmente” estes espaços e indivíduos ao restante da cidade. Dado o tensionamento decorrente da crise pós-Megaeventos, estes agentes externos se afastaram das favelas. O empreendedorismo era justificado por uma presença militarizada do Estado nas favelas. Por consequência, podemos observar que a celebrada “integração entre favela e asfalto” se deu somente em uma via - agentes externos puderam acessar a favela, e moradores de favela tiveram sua inclusão social condicionada à produção de relações com estes agentes, através de “brechas” ou “subjetividades” culturalmente conduzidas. A expectativa neoliberal, ao fim, é frustrada. Isso porque o movimento do empreendedorismo é gravemente prejudicado pela escalada da violência e do cotidiano militarizado na favela.

### **Considerações Finais**

É determinante observar diferenças entre países-sede do Norte global e do Sul global ao compreender suas condições econômicas e de infraestrutura para abrigar Megaeventos: países que são previamente bem equipados têm custos mais baixos e investimentos razoáveis. Entretanto, em países que tomam os Megaeventos como justificativa para seu próprio desenvolvimento, a prerrogativa de intervenções urbanas como catalisadoras para desenvolvimento, marketing internacional de soberania e melhoria de condições de vida, em geral ocorrem efeitos contraditórios, como no caso do Brasil e da África do Sul (MAHARAJ, 2015). Desta forma, a convergência de poderes e interesses que circulam por estes locais são variados, assim como seus efeitos locais. A desigualdade social anterior a estes acontecimentos tende a ser um fator determinante em fatores socioeconômicos. Ao destacar a turistificação de favelas como parâmetro analítico, pode-se discutir a influência externa em termos transnacionais e nacionais, assim como repercussões do próprio território.

Aqui, a proposta não é entender “favelas” como algo homogêneo, composto por “dogmas” que as compreende sob as mesmas circunstâncias de produção, organização e elaboração (VALLADARES, 2005), mas como “margens” da cidade, em um sentido

antropológico: como um lugar de experimentações e reconfiguração do Estado, onde uma análise qualitativa torna-se pertinente para observar de que forma pessoas são impactadas por estas políticas do Estado em suas relações cotidianas (DAS & POOLE, 2004). Ao invés de entender as favelas a partir da “ausência do Estado”, recorro ao entendimento de que racionalmente o “Estado se faz ausente” nos espaços e na vida das pessoas – intervindo sob configurações particulares. Desta forma, os contextos locais são formadores de particularidades, ainda que haja uma orientação ampla por parte de atuação do Estado como instituição de políticas públicas. Compreendendo que, mesmo sob influência de uma narrativa sobre progresso e desenvolvimento, as favelas permanecem como um território de marginalização sociopolítica, na favela Santa Marta pode-se compreender dois importantes aspectos catalisados pela circulação de Megaeventos ao Sul Global e ao Brasil: o empreendedorismo neoliberal e o urbanismo militarizado.

Historicamente, o Estado estabeleceu uma forma de atuação nas favelas que mais contribuiu para reforçar a segregação espacial e o estigma sobre esses territórios e seus moradores. Durante o período relacionado aos Megaeventos, ocorreram discursos no sentido de uma tentativa de mudança nesse paradigma. A produção de uma cidade integrada seria um dos possíveis legados dos Jogos Olímpicos, contudo, seria preciso atentar e ampliar o debate público acerca dos desdobramentos e de novas questões que emergem no cenário a partir da pacificação (CARVALHO, 2013). De solução “milagrosa” para antigos problemas, a “pacificação” tem se apresentado, cada vez mais, como fonte de novos problemas (MENEZES, 2015). As oportunidades trazidas pela chegada das UPPs têm se tornado cada vez mais escassas, ao passo que as preocupações instituídas pelo mesmo processo gradualmente se sobrepõem.

## Referências

CARVALHO, M. B. A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura. **O Social em Questão**. v. 29, pp. 285-308, 2013.

CAVALCANTI, M. À espera, em ruínas: urbanismo, estética e política no Rio de Janeiro da pacificação. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v.6, pp.191- 228, 2013.

DAS, V.; POOLE, D. **Anthropology in the Margins of the State**. Oxford: James Currey, 2004.

FREIRE-MEDEIROS, B. **Gringo na Laje: Produção, circulação e consumo da favela turística**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Touring Poverty**. Londres, Nova York: Routledge, 2013.

\_\_\_\_\_. Governamentalidade e mobilização da pobreza urbana no Brasil e na África do Sul: favelas e townships como atrações turísticas. In: BIRMAN, P. et al. (Org.). **Dispositivos Urbanos**. Rio de Janeiro: FGV Editora, Faperj, 2015.

\_\_\_\_\_. VILAROUCA, M.; MENEZES, P. V. A pobreza turística no mercado de pacificação: Reflexões a partir da experiência da Favela Santa Marta. **Cadernos do CRH**, v.29, pp.571-586, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GRAHAM, S. **Cidades Sitiadas: o novo urbanismo militar**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOERNER, J. M. **Geopolítica do turismo**. São Paulo: SENAC, 2011.

KNAFOU, R. Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo. In: Adyr A. B. Rodrigues (org.). **Turismo e Geografia**. Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: HUCITEC, 1996.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LEEDS, A., E LEEDS E. Poder Local em Relação com Instituições de Poder Supralocal, In: **A Sociologia do Brasil Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LEITE, M. P. Da “metáfora da guerra” ao “projeto de pacificação”: favelas e segurança pública no Rio de Janeiro, **Revista brasileira de segurança pública**, v.6, n.12, 2012.

\_\_\_\_\_. De territórios da pobreza a territórios de negócios: dispositivos de gestão das favelas cariocas em contextos de ‘pacificação’, in BIRMAN, P., 2015.

MACHADO DA SILVA, L. A. “Violência urbana”, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. **Cadernos CRH**, vol.23, n.59, 2010.

MAHARAJ, B. The turn of the south? Social and economic impacts of mega-events in India, Brazil and South Africa. *Local Economy*, 30, pp. 983-999, 2015.

MANO, A.D.; MAYER, V. F.; FRATUCCI, A. C. Turismo de base comunitária na favela Santa Marta (RJ): oportunidades sociais, econômicas e culturais. **Revista brasileira de pesquisa em turismo**, v. 11, pp. 413-435, 2017.

MENEZES, P. V. Os rumores da pacificação: a chegada da UPP e as mudanças nos problemas públicos no Santa Marta e na Cidade de Deus. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, 2014.

\_\_\_\_\_. Será que estaremos aqui quando as Olimpíadas chegarem? Novas oportunidades e preocupações pós-UPP na? Favela modelo?. **Trama**, v. 1, p. 42, 2015.

MORAES, C. M. S. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. **Plural**, São Paulo, v.23, pp.65-93, 2016.

MULLER, M. & GAFFNEY, C. Comparing the Urban Impacts of the FIFA World Cup and Olympic Games From 2010 to 2016. **Journal of Sport and Social Issues**, vol 42, Issue4, pp. 247-269, 2018.

PANDOLFI, D. C.; GRYNSZPAN, M. A violência vista da favela. **História Oral**. Rio de Janeiro, v. Si, pp. 129-146, 2005.

ROCHA, L. M.; PALERMO, L. C. “O Morro está na calmaria”: Mídia impressa e o repertório da paz no contexto da “pacificação”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v.8, pp. 25-40, 2015.

TELLES, V. S. “Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, v.46, pp.15-42, 2015.

TOMÉ, M. Medo social e turismo no Rio de Janeiro. **Revista Encontros Científicos: tourism and management studies**, v. 1, pp. 48-54, 2012.

TOMMASI, L. Empreendedorismo cultural nas margens da cidade. In: Marcia Leite, Lia Rocha, Juliana Farias, Monique Carvalho. (Org.). **Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção**. Rio de Janeiro: Mórula, v. 1, pp. 179-202, 2018.

\_\_\_\_\_. VELAZCO, D. J. A. A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, pp.15-42, 2013.

VALLADARES, L. P. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.